EMATER/RS ASCAR

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
TODOS PELO RIO GRANDE
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO RURAL, PESCA E COOPERATIVISMO

JORNAL DA EMATER

EDITORA GAZETA

A AGRICULTURA FAMILIAR EM DESTAQUE, NUMA PARCERIA ENTRE EMATER/RS-ASCAR E EDITORA GAZETA

EDIÇÃO 9 – MARÇO DE 2018

Edemar Streck



Solo em outro nível

O CUIDADO COM O SOLO PODE INFLUENCIAR OS RESULTADOS DAS LAVOURAS, MELHORAR A RENTABILIDADE DA PROPRIEDADE E AJUDAR NA CONSERVAÇÃO AMBIENTAL. ISSO É BOM PARA O PRODUTOR RURAL E BOM PARA TODO O ENTORNO.

PÁGINAS 12 E 13

FRUTICULTURA

Os maiores produtores de noz pecan do Estado

PÁGINA 06

PESCA

O avanço da tilápia em águas gaúchas

PÁGINA 08

ENERGIA SOLAR

Como saber se é hora de aderir à novidade

PÁGINA 15

EDITORIAIS

A marca do Estado na agricultura familiar



Tarcísio José Minetto – Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo

Em 2018, mais um ciclo de evolução se completa para a agricultura familiar do Rio Grande do Sul. Ao analisarmos a administração do Estado desde 2015, temos a clareza de que a Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR) é imprescindível para dezenas de milhares de produtores rurais familiares gaúchos, assim como a nossa conveniada Emater é de vital importância na assistência técnica e na extensão rural. Neste período, enfrentamos dificuldades e buscamos fazer a diferença para colher vitórias que são a melhoria da renda e a qualidade de vida das famílias do campo.

Por meio da SDR, desde 2015 o Governo do Estado apoiou a realização de mais de 100 feiras pelo Rio Grande do Sul, oferecendo 2.867 espaços de comercialização para agroindústrias familiares. Uma das marcas da SDR é o Programa Gestão Sustentável da Agricultura Familiar, lançado em 2016 e executado pela Emater. O programa já sensibilizou mais de 20 mil famílias e elaborou cerca de 7 mil planos de gestão e adequação socioeconômica e ambiental. Diagnosticando a realidade da propriedade e propondo soluções para aumentar a eficiência produtiva, estamos aprimorando a produção e gerando mais ganhos para a família.

Em paralelo à gestão das propriedades, investimos no desenvolvimento dos agricultores, financiando projetos produtivos. Outro programa que continua sendo executado é o Troca-Troca de Sementes, que forneceu 940 mil sacas de sementes de milho e sorgo para 356 mil produtores rurais, ligados a cerca de 500 entidades neste período. Já o Programa Financiamento de Sementes Forrageiras ofereceu crédito via Feaper no valor de R$ 8,2 milhões para cerca de 85 entidades representativas da agricultura familiar. Foram beneficiados em torno de 10,1 mil produtores rurais. Com estes dois programas, incentivamos a produção, gerando desenvolvimento local e estadual.

Outro eixo importante na atuação da SDR está na infraestrutura rural. Chegamos à marca aproximada de 292 poços tubulares profundos. As ações permitiram que quase 9 mil famílias (cerca de 35 mil pessoas) passassem a ter água de qualidade para consumo e utilização na propriedade. Esse trabalho continuará, pois ainda temos no Rio Grande do Sul milhares de famílias do meio rural desprovidas de fontes seguras de abastecimento.

Na área do cooperativismo, o Programa de Extensão Cooperativa atuou com foco em gestão junto a cerca de 180 cooperativas, que englobam cerca de 50 mil famílias associadas, além de evidenciar a importância da intercooperação. Entre outras ações, executamos cerca de R$ 20 milhões do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), abrindo canais de comercialização para cooperativas da agricultura familiar.

É impossível descrevermos neste espaço tudo o que realizamos. Temos consciência de que muito ainda precisa ser feito. Esse é um trabalho que não se encerra nesta administração. Vamos continuar buscando o melhor para a agricultura familiar no Rio Grande do Sul e para todos os gaúchos.

Emater/RS-Ascar na Expoagro Afubra: fortalecendo a agricultura familiar



Clair Tomé Kuhn – Presidente da Emater/RS e superintendente geral da Ascar

A Agricultura Familiar é o foco de uma das mais importantes feiras realizadas em nosso Estado: a Expoagro Afubra. Nesta edição da feira, que acontece de 20 a 22 de março, no Rincão Del Rei, em Rio Pardo, vamos incentivar a diversificação na agricultura gaúcha, apresentando, em 17 parcelas temáticas, os temas agroindústria familiar, apicultura, ajardinamento, avicultura colonial, artesanato e turismo rural, bovinocultura de leite, cozinha didática, fruticultura, ovinocultura, processamento de carnes, piscicultura, saneamento ambiental, secagem e armazenagem, segurança alimentar, solos, cooperativismo e tecnologias digitais para a Agricultura Familiar.

Além disso, como novidade, vamos oferecer ao público que nos visitar 60 oficinas, ou seja, atividades curtas que irão apresentar alternativas de diversificação no meio rural, complementando assim o atendimento dos visitantes às unidades ou parcelas demonstrativas.

Interessante destacar que as parcelas da Cozinha Didática e da Piscicultura mantêm a realização de oficinas diárias, às 9h30, 11h, 13h30 e 14h30, com demonstração de receitas que priorizem uma alimentação mais equilibrada e nutritiva, valorizando os produtos da agricultura familiar, como leite, batata-doce, mel, frutas, hortaliças, abóbora e plantas bioativas. Já a Piscicultura destaca a despesca, com demonstração diária às 15h30, apresentando equipamentos, realizando o arrasto e a identificação de espécies. Haverá também demonstração de processamento de pescado, orientando sobre abate, escamação, evisceração, cortes e receitas, com degustação pelos participantes.

As parcelas da bovinocultura de leite e da fruticultura também realizarão oficinas diárias de manejo da alimentação dos bovinos de leite, ordenha, pastagens e criação de terneiras, e sobre manejo de citros, manejo da figueira e manejo do maracujazeiro, entre outras.

No Turismo Rural, destaque para o Sítio Buraco Fundo, de Vale Verde, e a Casa dos Morangos, de Passo do Sobrado, bem como orientação para quem quer investir nessa atividade em sua propriedade. E no Artesanato Rural, 14 municípios da região do Vale do Rio Pardo vão comercializar seus produtos.

Durante a Expoagro Afubra você pode percorrer as diversas parcelas distribuídas no espaço da nossa Emater/RS-Ascar e conferir que a diversificação realmente é uma ótima alternativa para todos: agricultores, suas famílias, os consumidores e para todo o Estado, que, dessa forma, garante mais alimentos saudáveis para todos.

Visite o Espaço Casa da Emater durante a 18ª Expoagro Afubra, preparado com muito carinho, empenho e dedicação por nossos extensionistas, que fazem a diferença no meio rural gaúcho.





Precisando de DINHEIRO?

Crédito Pessoal com **Garantia de Imóvel**

Até **48x** **para pagar**

Créditos	12x	24x	36x	48x
R$ 10.000,00	R$ 1.042,95	R$ 628,49	R$ 493,58	R$ 434,62
R$ 20.000,00	R$ 2.085,90	R$ 1.256,97	R$ 987,15	R$ 869,23
R$ 30.000,00	R$ 3.128,85	R$ 1.885,46	R$ 1.480,73	R$ 1.303,85
R$ 40.000,00	R$ 4.171,80	R$ 2.513,94	R$ 1.974,30	R$ 1.738,8
R$ 50.000,00	R$ 5.214,75	R$ 3.142,43	R$ 2.467,88	R$ 2.173,08
R$ 75.000,00	R$ 7.747,63	R$ 4.668,75	R$ 3.666,56	R$ 3.228,58
R$ 100.000,00	R$ 10.230,85	R$ 6.165,15	R$ 4.841,74	R$ 4.263,38
R$ 150.000,00	R$ 15.197,28	R$ 9.256,87	R$ 7.192,10	R$ 6.332,98
R$ 200.000,00	R$ 20.163,71	R$ 12.281,99	R$ 9.542,46	R$ 8.402,58

SIMULAÇÕES

*Sujeito a análise de crédito. Lojas Becker é correspondente Bancário da Financeira Becker. Documentação necessária: RG, CPF, comprovante de renda e residência, além da matrícula do imóvel. Valor das parcelas sujeito a alteração conforme data do vencimento.

Plano Agro

CRÉDITO PARA AGRICULTORES



Até **180 dias** para pagar.

As melhores opções para:

Capital de Giro
Pré-custeio agrícola

Compra de Insumos ou Implementos
Investimentos agropecuários

MENOR TAXA DO MERCADO

PAGAMENTO COM CARNÊ

Créditos	90 dias	120 dias	150 dias	180 dias
R$ 3.000,00	R$ 3.531,95	R$ 3.664,68	R$ 3.802,43	R$ 3.945,38
R$ 6.000,00	R$ 7.063,90	R$ 7.329,37	R$ 7.604,86	R$ 7.890,76
R$ 10.000,00	R$ 11.773,16	R$ 12.215,61	R$ 12.674,77	R$ 13.151,27
R$ 12.000,00	R$ 14.127,79	R$ 14.658,73	R$ 15.209,72	R$ 15.781,52
R$ 15.000,00	R$ 17.659,74	R$ 18.323,42	R$ 19.012,16	R$ 19.726,90
R$ 17.000,00	R$ 20.014,37	R$ 20.766,54	R$ 21.547,11	R$ 22.357,16
R$ 25.000,00	R$ 29.432,90	R$ 30.539,03	R$ 31.686,93	R$ 32.878,17

SIMULAÇÕES

Encaminhe sua proposta em uma das mais de 230 filiais da **Lojas Becker** no RS, SC e PR.

Faça uma simulação no site:
www.beckerfinanceira.com.br

Financeira BECKER

O ajardinamento transforma a propriedade num local mais agradável, o que eleva a autoestima dos produtores rurais



QUALIDADE DE VIDA

Paraísos rurais

O EMBELEZAMENTO DAS PROPRIEDADES MELHORA A QUALIDADE DE VIDA E O BEM-ESTAR DE CENTENAS DE FAMÍLIAS RURAIS

TEXTO E FOTOS: MARCELA BUZATTO

A organização da propriedade rural e a melhoria de arredores, incluindo jardinagem, saneamento básico, cultivo de hortas e pomares, fazem parte das ações que a Emater/RS-Ascar realiza com as famílias do campo, buscando promover o bem-estar e a qualidade de vida. Na região Norte do Estado, desde 2015 o Escritório Regional da Emater/RS-Ascar de Frederico Westphalen intensificou essas ações junto às famílias com a realização da Campanha "Minha Propriedade, Meu Paraíso".

"A agricultura familiar é muito mais do que um local de trabalho. É um modo de vida e, sendo assim, deve ser um espaço gostoso, feliz e aconchegante. E todos podem colaborar para transformá-lo. A jardinagem envolve a família, trabalha a saúde mental, resgata a história familiar através das plantas, valoriza a cultura, promove bons hábitos e a qualidade de vida", afirma a assistente técnica regional social da Emater/RS-Ascar, Dulcenéia Haas Wommer.

A intenção é contribuir para a melhoria da qualidade de vida e do ambiente, organizado e planejado junto às famílias rurais. Assim, os moradores criam uma conscientização e valorizam o local onde vivem, com melhor aproveitamento de espaços, trabalho com paisagismo e jardinagem para embelezamento. A melhora na autoestima então se torna uma consequência natural.

Em três anos, a campanha já contemplou centenas de famílias e propriedades rurais, escolas, comunidades e outros espaços comuns ao meio rural. Os benefícios da ação "Minha Propriedade, Meu Paraíso" estão disseminados pelos 42 municípios da região. "Este trabalho tem o intuito de fazer os agricultores refletirem sobre suas propriedades, a melhoria e organização, visando ações simples do dia a dia, como o cuidado e o embelezamento de arredores, o que contribuirá para o bem-estar e a qualidade de vida das famílias", completa Dulcenéia.

Propriedade da família Turchetto antes do programa "Minha Propriedade, Meu Paraíso"

Aquecimento de estufas agrícolas





Limpador de grãos com ar

Uso de fornalhas e turbinas Rovler em silos-secador de tijolos



Turbinas para secadores, diversos tamanhos e outras finalidades





Secador de grãos



Conjunto de secador desmontável com rosca transportadora com pré-limpeza e armazenador de grãos secos

- A Rovler fabrica equipamentos especialmente para pequenas e médias propriedades, zelando principalmente pela qualidade e pelo atendimento.
- **Para secagem e armazenagem de grãos, fabrica:**
  - Turbinas para silo-secador e secadores, **com balanceamento eletrônico de rotores**;
  - Secadores desmontáveis de 15 sc, 30 sc, 45 sc, 60 sc, e 100 sc;
  - Fornalhas sem fumaça de diversos tamanhos para silos e secadores;
  - Limpador de grãos; e,
  - Roscas transportadoras normais e com pré-limpeza.
- **Outros segmentos:** Canos e fornalhas para estufas de tabaco, aquecimento de estufas hortigranjeiras, aves, suínos e secagem de nozes.
- Além disso, a Rovler se destaca pelo lançamento de novos equipamentos a cada ano, facilitando a vida de quem vive no campo.
- Trabalhamos em conjunto com a EMATER, com apoio da UNISC e do SEBRAE.

Fone: (51) 3741-8728 / (51) 99644-0064
e-mail: **rovler@rovler.com.br** – *site:* **www.rovler.com.br**

ROVLER® Equipamentos

Pensando num local mais acolhedor para a família, Edmilson e Eliane resolveram deixar a propriedade mais bonita e agradável, para agrado da filha Eduarda e da vovó, dona Olinda



A paisagem que reflete o bem-estar da família

Para o casal Edmilson e Eliane Turchetto, de Linha Zanatta, interior do município de Taquaruçu do Sul, transformar os arredores da propriedade, organizar o entorno da casa e cuidar do jardim sempre foi uma vontade. Na propriedade da família também vivem a mãe de Edmilson, dona Olinda Turchetto, de 87 anos, e a filha do casal, Eduarda, de 15 anos, portadora de deficiência e que requer cuidados especiais de parte dos pais. A busca por mais qualidade de vida para as duas foi um dos motivadores para tornar o ambiente cada vez mais acolhedor.

"Se pudéssemos, faríamos mais. Sempre gostamos de ver tudo organizado e bonito. A gente tenta fazer as coisas para que possamos nos sentir bem. Temos de buscar sempre melhorar, para podermos viver com mais qualidade", declara Eliane. A família Turchetto é assistida da Emater/RS-Ascar e desde 2016 também está inserida no Programa Gestão Sustentável da Agricultura Familiar. Com o acompanhamento da equipe, aos poucos as melhorias e as modificações foram acontecendo no local onde vivem.

No caso do rebanho leiteiro, foi feito o acompanhamento dos animais, a organização dos lotes e o planejamento da dieta dos animais. A segunda parte foi a questão estética da propriedade, com as diversas melhorias. "Além entorno da casa e do jardim, foi construída a estufa para produção dos alimentos para subsistência da família", comenta o engenheiro agrônomo Mateus Ariel Cargnin, da Emater/RS-Ascar.

Conforme o extensionista, a vontade por sempre fazer o melhor é uma característica da família Turchetto. "A família vende o leite pela qualidade e busca sempre manter o seu padrão. Isso reflete o capricho e o cuidado que a família deposita ao realizar essa e as demais atividades na propriedade. A diferença é que os dois trabalham juntos em todas as atividades", completa.

Para a família Turchetto, cuidar da propriedade rural é cuidar da família e também uma forma de dar valor a tudo o que construíram ao longo da vida. "Meus pais sempre me ensinaram a dar valor a cada coisa. E tudo o que temos construímos juntos. Por isso, queremos sempre melhorar", completa Eliane.


ANUNCIE AQUI
19 ANOS
NO AGRONEGÓCIO DIGITAL
Cotações
O mais completo banco histórico de cotações agrícolas. São mais de 3.800 preços referenciais consultados diariamente em 22 estados brasileiros, 826 cidades e mais de 52 culturas e espécies animais.
Agrotempo
Previsão do tempo, com informações de temperatura máxima e mínima, probabilidade de chuva, precipitação acumulada, ventos. Os mapas auxiliarão a você tomar decisões na sua lavoura.
Agrolinkfito
Sistema de Defensivos Agrícolas. Acesse online mais de 2.400 bulas dos produtos de 245 empresas e para 305 culturas. As pesquisas podem ser feitas por principio ativo, classe, empresa, nome do produto e empresa.
Fertilizantes
Informações sobre nutrição de solo e foliar para prover um ou mais nutrientes essenciais ao crescimento das plantas e melhorar os resultados e produtividade.
AGROLINK É O MAIOR PORTAL DE CONTEÚDO AGROPECUÁRIO.
Informações sobre agricultura, organizadas e segmentadas em seções especializadas.
#TudoéAgro
Culturas
Agrovenda
Notícias e Clipping
Saúde Animal
Acesse e encontre em um só lugar tudo que você procura: www.agrolink.com.br

Noz pecan é cultivada por 280 agricultores em área de 480 hectares, com rendimento de 170 toneladas por safra



DIVERSIFICAÇÃO

Histórias que frutificam

PIONEIRO NO PLANTIO DE NOGUEIRA PECAN, O MUNICÍPIO DE ANTA GORDA É HOJE O SEGUNDO MAIOR PRODUTOR GAÚCHO, COM BOA EXPANSÃO

TEXTO E FOTOS: TIAGO BALD

Tradicional em Anta Gorda, o cultivo da noz pecan quase se confunde com a história do município que, emancipado em 1963, viu as primeiras mudas de nogueiras serem plantadas quase 20 anos antes, em 1944, pelo agricultor Arminho Miotto, numa época em que Anta Gorda ainda era distrito de Encantado. Não é por acaso que, hoje, com 280 produtores, 480 hectares de área plantada e 170 toneladas de frutos colhidos por safra, o município receba a alcunha de "Capital da Noz Pecan", ficando atrás apenas de Cachoeira do Sul em volume de produção.

"Mas essa é uma história de altos e baixos", lembra o engenheiro agrônomo Fernando Selayaran, da Emater/RS-Ascar, ressaltando as dificuldades iniciais para que o cultivo emplacasse, em especial pela falta de informação sobre a árvore, nativa dos Estados Unidos e do Norte do México. "Nesse sentido, é possível dizer que foi somente a partir das décadas de 60 e 70, com algumas políticas públicas de incentivo, que alguns agricultores passaram a acreditar nela como uma alternativa a mais de renda", salienta.

Outra queda, esta pelo aumento do número de doenças e pela escassez de estudos técnicos, ocorreu nos anos 80, com produtores desafazendo-se de pomares inteiros. "Só que muitos agricultores resolveram deixar árvores que tinham cerca de 30 ou até 40 anos de idade e perceberam que estas eram capazes de produzir até 200 quilos de nozes por planta", comenta Selayaran. "Era o que faltava para que muitos se interessassem novamente pelo cultivo, mas desta vez com maior atenção sobre a qualidade da mudas, as variedades mais adequadas e o manejo das plantas", frisa.

Foi somente em 2006 que, de fato, Anta Gorda passou a olhar para a nogueira pecan como uma cultura potencial – que logo se espalhou para outros municípios do entorno. "Hoje, a pecanicultura está atrás apenas da viticultura e da citricultura no que diz respeito à produção de frutíferas no Vale do Taquari", destaca Derli Bonine, assistente técnico regional da área de Sistema de Produção Vegetal da Emater/RS-Ascar. "E isso em uma região em que as três principais cadeias produtivas são suinocultura, bovinocultura de leite e avicultura", completa.

Ainda assim, de acordo com Bonine, a expansão da área cultivada exige cautela, já que muitos pomares jovens ainda não entraram em produção – o que ocorre cerca de sete a oito anos depois do plantio. Nesse sentido, é provável que o preço – atualmente cerca de R$ 15 por quilo, pago ao produtor – se estabilize ou até recue em breve, com produção suficiente para atender à demanda. "Para os agricultores interessados em investir, é importante ter área de terras com solos bem profundos e drenados" informa Bonine, reforçando a importância da observação do correto espaçamento entre as árvores e dos tratamentos adequados.

Para o agricultor Carlos Sordi, da localidade de São Brás, a pecanicultura está prestes a se tornar a segunda principal atividade da propriedade em que mora com a esposa, um filho e os pais. "Infelizmente com o leite – a família possui 60 vacas em lactação – estamos pagando para trabalhar" salienta, sobre a crise enfrentada pelo setor. Enquanto a avicultura "equilibra as finanças", Sordi estuda a possibilidade de dobrar o pomar, atualmente com 350 pés de nogueiras, que chegam a render quatro toneladas da fruta. "Ainda que seja uma atividade que exija bastante do produtor, especialmente no começo, é uma excelente alternativa, com bom retorno financeiro", pondera.

A opinião do produtor Alexandre Girotto, da localidade de Linha Doutor Felizardo, vai ao encontro da de Sordi. Trabalhando exclusivamente com noz pecan – inclusive com produção de mudas – há mais de 20 anos, a família já chegou a colher oito toneladas de frutas no pomar, que, atualmente, conta com 115 árvores em produção – fora outras 300 que estão em formação. "É uma cultura em que o manejo não é tão complicado e que pode resultar em boa rentabilidade", garante o agricultor, que, na última safra, recebeu R$ 20,00 por quilo de nozes, de uma agroindústria de Antônio Prado.

Evento na FestLeite vai discutir o tema

Apesar do ânimo dos agricultores, o assistente técnico regional Derli Bonine lembra a necessidade de se cercar do maior número de informações sobre a pecanicultura (desde o plantio até a colheita, passando pelo manejo), para que não haja frustrações nas safras. Uma das oportunidades para a aquisição de conhecimentos será o I Simpósio Sul-Americano da Noz Pecan e V Seminário da Cultura da Noz Pecan, que ocorre nos dias 25 e 26 de abril, dentro da programação da FestLeite de Anta Gorda. Na ocasião, todos os elos da cadeia produtiva serão tratados, por meio de palestras e painéis, que se iniciarão às 8h30. Informações sobre o evento podem ser obtidas em www.festleite.com.br/programacao-seminario-da-noz-pecan/.

Árvore pode dar frutos por 200 anos

Esta variedade de nogueira cresce de 25 a 40 metros em climas temperados e pode dar frutos por 200 anos, ou até mais. As árvores possuem tronco ereto, coberto com casca inicialmente lisa, que se torna áspera e fendida conforme o tempo. O fruto é uma drupa, agrupando-se em cachos de três a sete unidades.

No Brasil, a planta foi introduzida por volta de 1866, por imigrantes norte-americanos, que vieram para o Brasil após a Guerra da Secessão (1861-1865). E apareceu em regiões distintas do país. Apesar de ser originária de região temperada, adapta-se relativamente bem a outros solos, desde que não sejam rasos, excessivamente secos e sujeitos a longos períodos de alagamento.

A parte aproveitável do fruto representa algo em torno de 40% a 60%. Sendo assim, são necessárias entre 60 e 160 nozes para que se consiga atingir o peso de 1 quilo.



Feliz com o resultado da pecanicultura, o agricultor Carlos Sordi projeta aumentar a área cultivada

Os 20 maiores produtores de Nogueira Pecan no Rio Grande do Sul

Município	Área Total (ha)	Produção (t)	Número de produtores
Cachoeira do Sul	1043	652,70	85
Anta Gorda	480	170	280
Canguçu	119	80	4
General Câmara	100	80	3
Santa Maria	176	80	21
Rio Pardo	100	60	20
Minas do Leão	150	45	2
Sentinela do Sul	130	45	1
Viamão	60	42	15
Vila Nova do Sul	38	4	2
Rondinha	39	39	30
Sarandi	40	35	8
Encantado	30	33	8
Caxias do Sul	60	32	15
Cacequi	40	20	8
São Vicente do Sul	35	20	6
Roque Gonzales	13	16	7
São Pedro do Sul	15	15	6
Quevedos	17	15	5
Doutor Ricardo	30	15	8



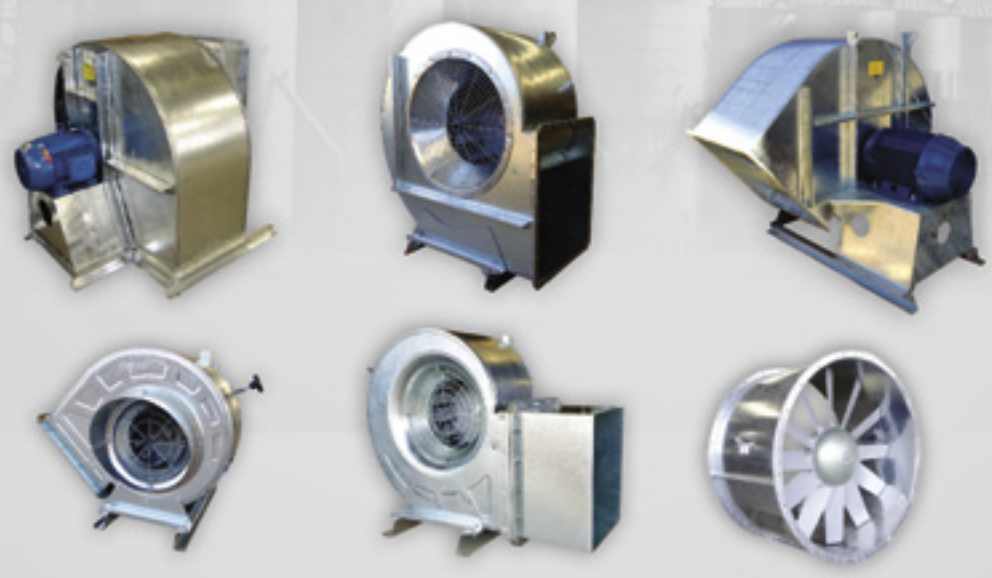
Selayaran (e) e Bonine orientam produtores sobre manejo e cuidados com os pomares

AGRONER
IRRIGAÇÃO

Fone/Fax: (51) 3715 3636
3713 2555
BR 471 – Km 122,5
Santa Cruz do Sul – RS
e-mail: agroner@agroner.com.br
www.agroner.com.br

projelmec
100% Nacional

Ventiladores e Exaustores Projelmec para:
• Seleção • Secagem • Despoeiramento • Armazenagem de grãos
• Axiais para gado confinado, aviários e postura



Ao ser mais um parceiro da Projelmec, tenha certeza de contar com um atendimento diferenciado, onde valoriza-se o profissionalismo e a ética.

www.projelmec.com.br | 51 3451.5100 | vendas@projelmec.com.br



Vera De Bortolli cria tilápias em água potável, o que garante maior qualidade e valorização da carne

PISCICULTURA

Tá pra peixe

PRODUÇÃO DE TILÁPIA AVANÇA NO ESTADO E PODE MUDAR OS RUMOS DA PISCICULTURA GAÚCHA DENTRO DE POUCOS ANOS

TEXTO E FOTOS: CÁSSIO FILTER

Das 20 mil toneladas de pescado retiradas de tanques e açudes gaúchos em 2017, cerca de 80% foram de carpas. A queridinha dos piscicultores gaúchos é uma espécie que se adaptou bem ao clima local e que tem um manejo simples, o que facilita o seu cultivo. Porém, a falta de uma cadeia estruturada para a comercialização da espécie é o principal empecilho para que a piscicultura do Rio Grande do Sul se coloque em águas mais rentáveis. Embora avanços expressivos tenham acontecido nos últimos anos, a produção do Estado equivale a cerca de 30% da paranaense, por exemplo.

De acordo com Henrique Bartels, assistente técnico estadual da Emater/RS-Ascar, especialista no setor, a principal diferença entre os dois estados está justamente na variedade de peixe produzida. "Enquanto os gaúchos focam na carpa, os vizinhos optam pela tilápia, que tem valor comercial maior, normas de produção e de comercialização bem-definidas, com redes de abatedouros em vários estados. No caso do Paraná, a região Oeste deles se especializou muito", diz, ressaltando que a espécie tem começado a ter maior aceitação no Rio Grande do Sul, o que deve impactar na profissionalização e no valor agregado da piscicultura gaúcha.

A produtora Vera De Bortolli, de General Câmara, é uma das que resolveu nadar contra a corrente. Ela e o marido, Mauro, sempre foram empreendedores e buscaram segmentos específicos de mercado. Chegaram a criar emas, mas uma mudança na legislação inviabilizou o negócio. Depois, cogitaram o cultivo de camarão de água doce, mas desistiram diante da complexidade do cultivo. Então, optaram pela tilápia e investiram pesado no negócio. "Vamos produzir algo diferenciado. Os tanques são de pedra e fibra de vidro. Aproveitamos as nascentes que temos na propriedade e os peixes ficam em água potável, a mesma que nós bebemos. O resultado é uma carne muito mais saborosa, de qualidade, sem gosto e cheiro de lodo, com paladar mais agradável", ressalta.

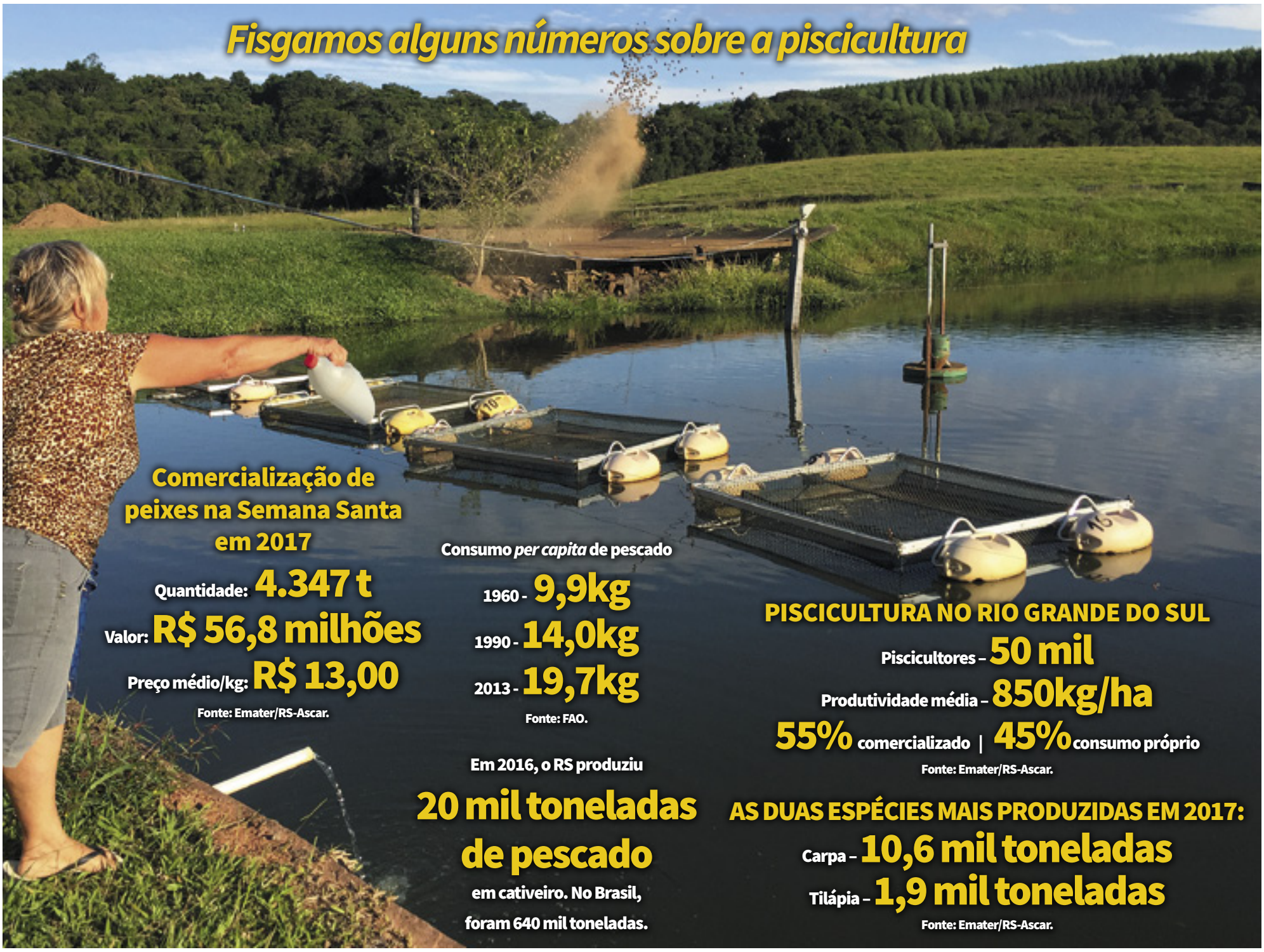
No momento, toda a produção do casal é destinada a um abatedouro que foi instalado no município. Para o futuro, eles miram outras regiões do Estado e até mesmo do País. "Sabemos que tem muito espaço. Nosso objetivo é manter entre 20 e 25 mil tilápias", frisa. Sobre as particularidades do cultivo, Vera não esconde que se trata de um animal mais sensível. Por isso, fez vários cursos antes de implantar a produção. "Fiz cursos de formação de açude, criação de peixe, engorda, alevinos e processamento, entre outros", completa.

Conforme Douglas Trarbach, técnico da Emater/RS-Ascar no município, o exemplo de Vera e de Mauro deve incentivar outros produtores da região, principalmente devido à instalação do abatedouro. "O investimento que eles fizeram foi elevado, mas há como começar com um padrão mais baixo e também ter retorno considerável", explica. "A carpa tem mercado, mas a demanda maior é durante a Semana Santa. No caso da tilápia não, o mercado é aquecido o ano todo e com preços maiores. Só que, lógico, é preciso aprender a lidar com a espécie, que não é tão rústica quanto a carpa".





Fisgamos alguns números sobre a piscicultura



Comercialização de peixes na Semana Santa em 2017

Quantidade: **4.347 t**

Valor: **R$ 56,8 milhões**

Preço médio/kg: **R$ 13,00**

Fonte: Emater/RS-Ascar.

Consumo *per capita* de pescado

1960 - **9,9kg**

1990 - **14,0kg**

2013 - **19,7kg**

Fonte: FAO.

PISCICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

Piscicultores – **50 mil**

Produtividade média – **850kg/ha**

55% comercializado | **45%** consumo próprio

Fonte: Emater/RS-Ascar.

Em 2016, o RS produziu

20 mil toneladas de pescado

em cativeiro. No Brasil, foram 640 mil toneladas.

AS DUAS ESPÉCIES MAIS PRODUZIDAS EM 2017:

Carpa – **10,6 mil toneladas**

Tilápia – **1,9 mil toneladas**

Fonte: Emater/RS-Ascar.

Ranking da piscicultura brasileira:

1 – Rondônia
2 – Paraná
3 – São Paulo
4 – Mato Grosso
5 – Minas Gerais
6 – Maranhão
7 – Amazonas
8 – Ceará
9 – Goiás
10 – Rio Grande do Sul

Fonte: IBGE.

As principais regiões produtoras no RS em 2017:

- Ijuí
- Erechim
- Frederico Westphalen
- Carazinho
- Santa Rosa

Fonte: Emater/RS-Ascar.

Os municípios campeões em 2017:

- Ajuricaba
- Santo Augusto
- Santa Rosa
- Venâncio Aires
- Barão do Cotegipe

Fonte: Emater/RS-Ascar.

Os pontos fortes do Rio Grande do Sul:

- Mercado em demanda
- Ociosidade dos abatedouros
- Água e espaços em abundância
- Indústrias de ração qualificadas
- Cursos em universidades
- Centros de Pesquisa em Aquicultura







GRÃOS

A segunda melhor safra

EM DIFERENTES REGIÕES DO ESTADO, ENQUANTO ALGUNS AGRICULTORES LAMENTAM O CLIMA, OUTROS AGRADECEM PELA BOA COLHEITA

TALINE SCHNEIDER

Apesar dos problemas causados pela estiagem na Metade Sul do Estado, a Emater/RS-Ascar estima que essa seja a segunda maior safra da história gaúcha, com produção total de 30,2 milhões de toneladas das quatro principais culturas de verão (soja, milho, feijão e arroz), o que deve causar impacto superior a R$ 27 bilhões na economia gaúcha.

Segundo os números preliminares levantados pela Gerência de Planejamento, o Estado registra redução de 9,16% na produção total, representada por arroz (-1,76%), feijão (-8,82%), milho (-23,82%) e soja (-7,83%). Mas em relação à estimativa inicial, baseada no cálculo de tendência das produtividades médias municipais ao longo dos últimos 10 anos, a redução da produção fica em apenas 0,79%.

"Felizmente, grande parte do Rio Grande do Sul não sofreu com adversidades e estiagem, tendo chuvas bem-distribuídas. Lamentavelmente, para as regiões atingidas na Metade Sul, o impacto é muito preocupante para a economia daqueles municípios e, em especial, dos agricultores", afirma o presidente da Emater/RS, Clair Kuhn.

A região de Pelotas (no Sul), sem dúvida, é a que vem registrando o maior impacto, com redução de 48,38% na produção de feijão, 37,49% no milho e 31,26% na soja, frente às estimativas iniciais divulgadas ainda em setembro de 2017, na Expointer. Outras regiões também registram prejuízos, dependendo da cultura.

Para Kuhn, a "locomotiva" da agricultura mais uma vez vai puxar a economia do Estado para cima e conseguir fazer com que o Rio Grande do Sul cresça. "E, logicamente, se a região Sul tivesse se acompanhado, se não tivesse ocorrido a seca, seria muito melhor e poderíamos, inclusive, ter batido a supersafra do ano passado", completa o presidente.

O diretor técnico da Emater/RS, Lino Moura, explica que as significativas perdas causadas pela estiagem nas lavouras de milho e soja da região Sul não devem impactar tanto a produção quanto a produtividade estadual porque são áreas pontuais, que representam menos de 20% das duas culturas no Estado. "A agricultura é uma atividade de risco e os agricultores ainda trabalham muito dependentes do clima. Mas que agora possamos aprender a lidar com isso, plantando no melhor momento e nos preparando com reserva de água para ter a segurança de produzir tranquilo", diz.

Kuhn ressalta que é possível ajudar a prevenir em relação ao futuro. "É preciso fazer algumas ações fortes no Rio Grande do Sul na questão da irrigação e da implantação de práticas de conservação de solo com plantio direto, de mananciais e reservatórios de água", frisa.

As 10 maiores safras de verão do RS

Posição	Safra	Produção (t)
1	2017	33.302.533
2	2018	30.251.338
3	2015	30.038.657
4	2016	28.517.444
5	2014	26.783.845
6	2011	26.549.510
7	2013	26.370.519
8	2010	23.101.525
9	2007	22.380.345
10	2008	20.350.208

Impacto econômico da safra de verão

Cultura	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	VBP* (bi R$)
Arroz	1.091.845	7.750	8.461.967	6,01
Feijão 1ª safra	42.303	1.615	68.336	0,15
Milho	721.620	6.375	4.600.086	2,13
Soja	5.710.091	2.998	17.120.949	19,06
Total	6.583.198	–	30.251.338	27,34



PALMEIRA DAS MISSÕES
O produtor Leandro Magalhães Vieira, de Palmeira das Missões, cultivou 330 hectares de soja e 210 hectares de aveia para grão e cobertura. "A aparência da lavoura está bem melhor, se comparada ao ciclo passado", explica, ressaltando que na safra atual não conseguiu escalonar a semeadura como o desejado em decorrência das chuvas.



AJURICABA
Olívio Calgaro está otimista. Nesta safra, ele projeta colher 60 sacas/ha na lavoura de 50 hectares em Ajuricaba. As sementes de soja foram plantadas em novembro e as chuvas foram regulares no período, o que faz Calgaro considerar esta como uma safra normal. Além de soja, ele planta trigo, aveia branca e milho.



Colaboraram: Rejane Paludo, Terezinha Vilk, Marcela Buzatto, Cleuza Brutti, Vanessa Almeida de Moraes, Victória Oliveira Salomão, Helena Boucinha, Deise Froelich, Hallana Oliveira, Carine Massierer, Carina Cavalheiro e Tiago Bald.

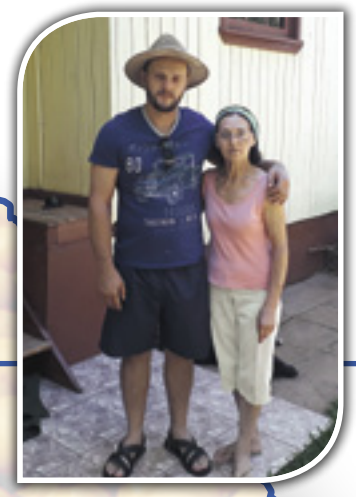


Palmeira das Missões



Santa Rosa

São Valentim



SÃO VALENTIM

O produtor Marcos Cagol, de São Valentim, espera rendimento médio de 68 sacas nos 140 hectares de soja que cultivou. Nos 10 hectares com milho, a expectativa é de 184 sacas por hectare. Os números são, em média, 10% superiores aos do ano passado, principalmente pelo clima e pelas variedades específicas para a região.

Coxilha

Ajuricaba

SOLEDADE

Vinícius Ottoni, de Soledade, plantou 450 hectares de soja. A previsão é de 10% a 20% de quebra, devido à falta de chuva na última quinzena de dezembro e em virtude da ferrugem asiática, que atingiu a lavoura. A expectativa é de 60 sacas/ha. Segundo ele, o que deverá impactar na rentabilidade é o preço pago pela saca, e ainda os custos de produção, que tiveram aumento – como, por exemplo, os custos com manutenção de maquinário e combustíveis, e os insumos, entre outros.

Soledade

Roca Sales

União da Serra





Santiago

SANTIAGO

O produtor Sandro Madeira Cardinal, que cultiva soja e milho no município de Santiago, registrou produtividade abaixo da expectativa para as duas culturas. Os 100 hectares de milho irrigado foram colhidos ainda em janeiro e tiveram baixa de quase 50%, já que na safra passada a média ficou em 203 sacas/ha. Os temporais de granizo e os vendavais de outubro foram determinantes para o resultado. Ele avalia ainda que o preço de implantação da lavoura de milho é muito alto e não vale a pena investir, mesmo com pivôs de irrigação. "O meu carro-chefe de produção sempre foi o milho, mas vou ter de parar", assegura o produtor. Na safra de soja, os 570 hectares plantados não devem render mais de 50 sacas/ha.

UNIÃO DA SERRA

O agricultor Gabriel Marcon, de União da Serra, semeou 25 hectares de soja e quatro hectares de milho. Segundo ele, a soja será melhor do que a do ano passado, se não ocorrer nenhuma intempérie, com estimativa de acréscimo na produção entre 5% a 8% sobre as 56 sacas/ha do ano passado.

COXILHA

Dos 45 hectares de soja e 3,5 hectares de milho de Alberto Seidler, a principal conclusão é que a escolha de diminuir a área de milho foi acertada, já que a cultura é mais sensível ao clima, que foi inconstante nesta safra. Já pensando no próximo ciclo, ele deve voltar ao seu planejamento habitual e cultivar de 20% a 25% da área com milho, pois auxilia no aumento da produtividade da safra de soja seguinte, além de diminuir doenças e pragas.



Lagoa dos Patos

Hulha Negra



Capão do Leão

Lagoa Mirim

CAPÃO DO LEÃO

A família Plá Costa trabalha com produção de milho e bovinocultura de leite há mais de 60 anos. Neste ano, foram semeados 30 hectares de milho e 20 hectares de soja. Apesar da longa estiagem, a expectativa é de que a colheita seja razoável, já que a família aplica boas práticas agrícolas, como curvas de nível e plantio direto com palhada.

ROCA SALES

Gilmar Bernstein, de Roca Sales, cultivou 28 hectares de soja e dois de milho. A expectativa é de safra superior à do ano passado, especialmente na soja, que deve alcançar 70 sacas/ha. O Monitoramento Integrado de Pragas, realizado em parceria com a Emater/RS-Ascar, é apontado por ele como um dos responsáveis pelo bom desempenho.

HULHA NEGRA

O produtor Luís Fernando Rehling de Lima, de Hulha Negra, município da Região da Campanha, plantou 180 hectares de soja na safra 2017/18. A estiagem fez com que ele venha a colher apenas 25 sacas por hectare, ao contrário das 47 sacas do período anterior. "Plantei em 9 de novembro e melhorei a técnica de plantio, as cultivares e a qualidade de sementes, coloquei adubação e calcário, melhorei a aplicação de fungicidas. Plantei essa soja de alto potencial produtivo, fiz investimento forte e esbarramos na estiagem e nas ondas de frio, que prejudicaram a germinação da planta. Em função da estiagem, a maior precipitação chegou a 35 milímetros", comenta o produtor sobre o investimento, que lhe custou caro, devido à falta de chuvas.

SANTA ROSA

O agricultor Jairo Gaviraghi, de Santa Rosa, cultiva soja há 27 anos. Nesta safra, foram 45 hectares de soja, 22% a mais em relação ao ano passado. "Os 10 hectares a mais era destinados ao milho, que deu lugar à soja especialmente por uma questão de preço", comenta o produtor. Na área plantada em outubro, a expectativa é de colheita de 60 sacas/ha. Em outro local, onde não choveu entre os dias 11 de fevereiro e 14 de março, a estimativa é de perda de 10%.

O manejo de solo adequado é fundamental, tanto para elevar os índices de produtividade quanto para preservar as características naturais do terreno, que oscilam em diferentes regiões do Estado



Foto: Edemar Streck

ESPECIAL: SOLOS

Para cuidar do nosso chão

COM REALIDADES DISTINTAS NAS VÁRIAS REGIÕES GAÚCHAS, A QUESTÃO DO SOLO MERECE MUITA ATENÇÃO DE PARTE DO PRODUTOR

CÁSSIO FILTER

Segundo especialistas, o manejo do solo envolve dois aspectos principais. O primeiro, lógico, é a fertilidade que ele proporciona. O segundo trata da conservação necessária para que ele mantenha suas características naturais. E no equilíbrio entre estes dois pontos é onde estão guardados os melhores resultados para o produtor rural.

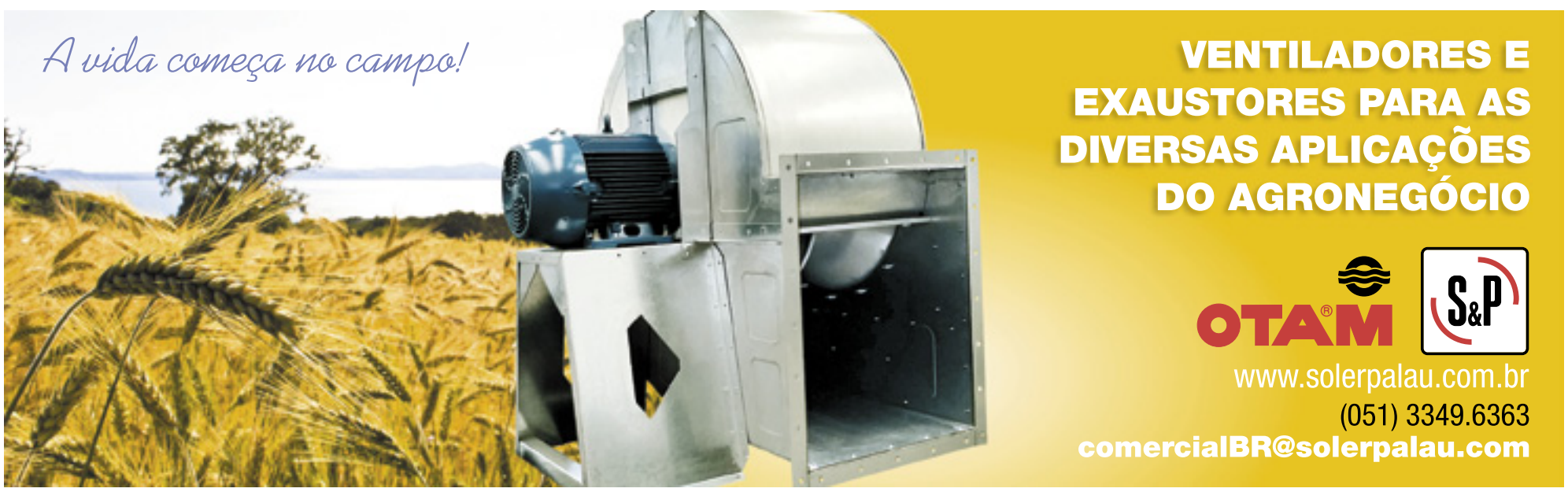
O assistente técnico estadual Edemar Streck, da Emater/RS-Ascar, é especialista em recursos naturais e estuda o tema há décadas. Quanto à fertilidade, ele acredita que a tecnologia mudou muito o modelo de agricultura. "Os agricultores vêm corrigindo a acidez com calcário e realizando adubações muito superiores do que há 30 anos", ressalta. "Isso acontece porque as variedades genéticas atuais das culturas respondem às adubações. Mas ainda temos de melhorar a fertilidade, principalmente nas questões físicas e biológicas dos nossos solos".

Quanto à conservação, a questão é mais complexa, conforme Streck, principalmente pela herança do plantio direto. "Isso fez com que conseguíssemos reduzir significativamente as perdas de solo por erosão se comparar-mos com o preparo convencional (aração e gradagens) nos anos 80", cita. "No entanto, com a evolução da técnica, criou-se ilusão de que o sistema de terraceamento das lavouras, para conter as enxurradas, não seria mais necessário, cultivando as terras no maior comprimento da gleba da terra, seja morro acima ou abaixo".

De acordo com Streck, isto favorece o escorrimento superficial, além da deficiência na produção de resíduos na lavoura para melhorar a matéria orgânica, o que afeta as fertilidades física (estrutura do solo) e biológica dos solos. Ele ressalta ainda que a resolução para o problema passa pela rotação de culturas, como a introdução do milho no verão, ao invés da soja, aveia no inverno e outras culturas no período outonal (nabo forrageiro consorciado com aveia) para recuperação de solo.

Só que quando a questão é avaliada em âmbito estadual, é preciso ter cuidado. O Rio Grande do Sul apresenta realidades muito distintas, até mesmo pelas condições de relevo características de cada região. No Planalto, onde predomina o cultivo da soja e do trigo, sobre os solos vermelhos e argilosos tem-se hoje sérios problemas de compactação, devido à má execução do sistema de plantio direto. Isso causa baixa infiltração de água, decorrente da falta de rotação de culturas. Outro problema é que há, muitas vezes, a necessidade da entrada das máquinas na lavoura em condições de solo muito úmido. Já a utilização de solos pedregosos e com forte inclinação para cultivo de soja também pode ser considerada questão preocupante, já que este tipo de superfície não possui aptidão agrícola para culturas anuais. Geralmente, apresentam riscos de perdas de produção em curtas estiagens.

Já na região de integração entre lavoura e pecuária, principalmente na Fronteira-Oeste, a principal questão é a baixa cobertura do solo por excesso de pastejo sobre as pastagens de inverno, permanecendo poucos resíduos sobre a superfície, o que favorece os processos erosivos e as perdas de água por evaporação. Por outro lado, a região Central e dos Vales, onde o tabaco é muito presente, existe a necessidade de melhorar a cobertura do solo após o tabaco, pois a terra é muito revirada durante o cultivo. Por fim, outro grande problema do solo gaúcho é visto no cultivo de hortaliças, onde o encanteiramento e os camalhões, principalmente para o cultivo da batata, são feitos com a mobilização do solo e construídos no sentido do declive, favorecendo o processo de erosão.



Pá de corte, a melhor amiga de Claudir e Marlise

AGRICULTORES COM DÉCADAS DE EXPERIÊNCIA, EM SINIMBU, ELES NÃO IMAGINAVAM O IMPACTO DE SIMPLES MUDANÇA DE ROTINA

Na pequena Sinimbu, na região central do Estado, em boa parte do território as condições não são nada favoráveis a um manejo adequado do solo. Como a cidade fica no limite entre a Depressão Central e o Planalto, há uma grande área de encosta, o que faz com que boa parte da superfície tenha muita inclinação e grande índice de pedras. Ou seja, em muitos casos, é preciso bastante persistência para a agricultura nas cerca de 1,9 mil propriedades rurais do município. Destas, em torno de 80% têm até 20 hectares.

O produtor Claudir Spiegel, de 42 anos, sabe bem desta realidade. Mora na localidade de Linha Branca, distante cerca de 22 quilômetros da sede. Para chegar até a sua propriedade, é necessário "escalar" vários dos cerros da região. Mas, apesar do isolamento geográfico, a propriedade dele é um dos retratos mais fiéis da transformação que acontece na agricultura local, graças à aplicação de técnicas simples de manejo de solo. "Sai mais barato fazer o certo do que o errado. Antes, a gente fazia do nosso jeito, por ouvir falar. Hoje não, tudo vai para análise. Cresci na lavoura e não achei que pudesse aprender coisa nova. E é impressionante como funciona", confessa, enquanto mostra, orgulhoso, a qualidade do milho nos quatro hectares que cultiva. No restante da área ainda mantém tabaco, feijão e arroz.

Os resultados de Claudir não vêm por acaso. Ele e a esposa, Marlise, tornaram-se obstinados com a questão do solo na propriedade. A pá de corte virou uma companheira inseparável. Com ela é que tiram as amostras, que depois mandam para a análise. E fazem isso em vários pontos da lavoura, conforme orientação. "Eu tenho até a quarta série. Não sou estudado, mas gosto de ouvir quem é. Quando vejo gente entendida falando em algum lugar, fico ali, só ouvindo. E depois eu peço para o pessoal da Emater/RS-Ascar ou de algum outro lugar me explicar direito", revela, aos sorrisos.

O caso do casal Spiegel ilustra bem a transformação que, aos poucos começa a se espalhar por todo o território de Sinimbu. Desde o ano passado, parceria da Emater/RS-Ascar e da Prefeitura vem trabalhando na sensibilização dos produtores para o tema através do Programa Municipal de Uso Sustentável de Solo e Água. "Por ser uma área de encosta, praticamente todas as propriedades rurais têm nascentes. Conservar o solo é uma maneira de conservar estas nascentes também", explica a chefe do escritório municipal da instituição, a engenheira ambiental Paula Mallmann.

Já o colega dela, Luis Fernando Marion, que é agrônomo e mestre em Tecnologia Ambiental, ressalta que os dias de campo realizados em cada uma das dezenas de localidades têm feito a diferença. "Nós vamos até eles e explicamos. Então, quando há exemplos como o de Claudir e Marlise eles percebem que a mudança faz sentido. É um trabalho lento, mas que já começa a surtir efeito", enfatiza.

Coletar amostras para análise tornou-se uma rotina para o casal Spiegel, de Sinimbu, na região do Vale do Rio Pardo. Com a pá de corte e o balde, eles percorrem várias partes da lavoura

Cássio Filter



Foto: Edemar Streck



No caso do cultivo de tabaco, a aveia é considerada uma excelente fonte de matéria orgânica



ESPECIAL: SOLOS



Edemar Streck

SOLUÇÃO INDIVIDUAL

Cada região e cada propriedade tem de ser analisada e ter diagnosticado o seu problema para uma tomada de decisão de intervenção e de recomendação das práticas a serem adotadas. Não existe receita única para todos.

O PROBLEMA MAIS GRAVE

De acordo com Edemar Streck, o mais grave problema de solo no Rio Grande do Sul está na região da Fronteira-Oeste. A entrada da soja em terras arenosas e a pecuária sobre pastagem mal-manejada, principalmente sobre terras arrendadas, podem deixar fortes consequências. Já no Planalto, a compactação do solo é o fator mais preocupante.

POR QUE O AGRICULTOR TEM TANTA RESISTÊNCIA A FAZER O MANEJO DO SOLO?

A questão cultural é apontada como o principal fator. O produtor tende a fazer o mais fácil e mais rápido possível. E, no caso dos solos, não se vê resultado imediato. Investimentos em conservação do solo dão retorno a longo prazo e podem ter altos custos iniciais. Estudos apontam que leva-se 20 a 25 anos para aumentar 1% de matéria orgânica na terra, sendo que para isso deve-se produzir em torno de 12 mil quilos de resíduos culturais por ano, o que não é atingido no sistema soja/trigo ou soja/aveia.

OS CUIDADOS BÁSICOS PARA MELHORAR A "SAÚDE" DO SOLO

- *Usar a superfície de acordo com sua aptidão agrícola.*
- *Evitar a erosão, fazendo plantio transversal ao declive, e, se necessário, manter terraços na lavoura.*
- *Manter o solo sempre coberto com plantas, que é o mais importante.*
- *Aplicar os fertilizantes e corretivos do solo em profundidade e não na superfície.*

AS VANTAGENS DE QUEM CONSERVA

- *Aumento da produtividade.*
- *Economia de insumos no futuro.*
- *Maior lucratividade.*

A RELAÇÃO ENTRE O SOLO E A PRODUTIVIDADE

Se o produtor conserva o solo, perde menos nutrientes por erosão, aproveita mais a água armazenada pelas raízes, diminui risco de frustração de safras e, consequentemente, aumenta produtividade e produção, que impacta na renda.

O MELHORAMENTO DO CAMPO NATIVO PASSA POR AQUI

SEMEADORA SA CAMPO NATIVO



Semeadora Múltipla
Plantio Direto no Campo Nativo
Espaçamento 22,5 cm (campo nativo)
Terceira caixa para semente miúda
Exclusivo Sistema Pula Pedra
Disco de Corte + Sulcador
Versão Arrasto e Hidráulica

VENCE TUDO®
FORTE ATÉ NO NOME

Família Funk colocou 126 placas de energia solar para transformar a matriz energética da propriedade

Cássio Filter



ECONOMIA

A luz do sol cabe no bolso

FINANCIAMENTO COM JUROS DE 2,5% AO ANO FAZ COM QUE MUITOS PRODUTORES RURAIS OPTEM PELA ENERGIA SOLAR NAS PROPRIEDADES

CÁSSIO FILTER

Como se o nome da cidade condicionasse o destino, é na pequena Vale do Sol que está instalada uma das maiores usinas particulares de geração de energia solar. As 126 placas que ornamentam o telhado do galpão do casal Dionel e Maristela Funk eram um sonho antigo.

Eles fizeram vários orçamentos, mas normalmente o valor ficava acima do que queriam investir. Além disso, estavam receosos de adquirir algo que não conheciam. Foi então que o técnico Dagoberto Antunes, da Emater/RS-Ascar, apresentou a eles uma planilha da instituição que ajuda a dimensionar o consumo.

Conforme Antunes, a ideia não é ter o cálculo definitivo, mas assessorar o produtor para que ele esteja preparado para negociar com as empresas. Ele reforça que todo produtor rural da agricultura familiar tem condições diferenciadas para a instalação, com linha do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). "A taxa de juros é de 2,5% ao ano. Vale muito a pena para o produtor. Quem tem conta de energia elétrica acima de R$ 250,00 deve considerar esta possibilidade fortemente", enfatiza.

E foi justamente esta taxa convidativa que fez com que a família Funk optasse por aderir à nova tecnologia. "O nosso gasto anual é de cerca de R$ 22 mil. Então, não tem muito por que fazer contas, né?", brinca Dionel, que está satisfeito com o desempenho da novidade, instalada em outubro do ano passado.

Na propriedade deles, onde há cultivo de 35 hectares de soja e 15 de milho, a destinação da energia originária das placas dá-se principalmente para a secagem de grãos, além de outras atividades.

JORNAL DA EMATER
A agricultura familiar em destaque – Parceria entre a Emater-RS/Ascar e a *Editora Gazeta*

EXPEDIENTE

EMATER-RS/ASCAR
Tarcísio Minetto
Secretário de Desenvolvimento Rural Pesca e Cooperativismo
Clair Kuhn
Presidente da Emater/RS e Superintendente Geral da Ascar
Lino Moura
Diretor Técnico da Emater/RS e Superintendente Técnico da Ascar
Silvana Dalmás
Diretora Administrativa da Emater/RS e Superintendente Administrativa da Ascar
Marco Medronha
Gerente de Comunicação da Emater/RS-Ascar
Raquel Aguiar
Gerente Adjunta de Comunicação da Emater/RS-Ascar

EDITORA GAZETA

Rua Ramiro Barcelos, 1.224
CEP 96.810-900, Santa Cruz do Sul (RS)
Telefone: 0 55 (xx) 51 3715 7940
Fax: 0 55 (xx) 51 3715 7944
E-mail: redacao@editoragazeta.com.br
Site: editoragazeta.com.br

Editor: Romar Rudolfo Beling
Conteúdo: Cássio Fernando Filter
Projeto gráfico e diagramação: Márcio Oliveira Machado
Arte de capa: Márcio Oliveira Machado
Arte-final, tabelas e gráficos: Sadraque Lenz Veiga
Comercial: Kelen Caus Filter
Marketing: Gabriela Kaempf da Silva, Janaína Langbecker e Suzi Montano
Distribuição: Carolina Guimarães
Impressão: Gráfica da *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul (RS)
Tiragem: 15 mil exemplares. Distribuição dirigida.

É permitida a reprodução de informações deste jornal, desde que citada a fonte.
Santa Cruz do Sul, março de 2018.

COLABORARAM NAS REPORTAGENS:
Taline Schneider, Deise Froelich, Carine Massierer, Cleuza Brutti, Mateus de Oliveira, Marcela Buzatto, Rejane Paludo, Carina Venzo Cavalheiro, Marco Medronha, Helena Boucinha, Vanessa Almeida de Moraes, Terezinha Vilk, Tiago Bald e Adriane Bertoglio Rodrigues.

Você pode ter ***energia elétrica*** *sem pagar por ela.* ***Fale com a gente****!*

Seja conectado à rede elétrica ou sem energia da concessionária, para iluminação, bombeamento de água ou qualquer outra necessidade, nós podemos gerar eletricidade com energia do sol.

GASIMA HOME TECH
www.gasimahometech.com.br
Fone: ***51 3717.9933***





ARMAZENAGEM

Os cuidados para não perder

MEDIDAS SIMPLES PODEM FAZER MUITA DIFERENÇA EM FAVOR DA GARANTIA DO LUCRO DA LAVOURA, MESMO DEPOIS DE REALIZADA A COLHEITA

CÁSSIO FILTER

O gerente técnico adjunto Rogério Mazzardo, da Emater/RS-Ascar, explica quais são os principais pontos em que o produtor rural deve ter cuidado na armazenagem de sua colheita. "De nada adianta ter todo um controle rigoroso no campo para evitar as perdas e esse controle não ter seguimento no armazenamento", esclarece. "As boas práticas devem estar presentes em todas as sequências de operações das etapas do beneficiamento dos grãos, tais como pré- limpeza, limpeza, secagem e controle de fungos e pragas".

NA COLHEITA – Os cuidados com os grãos na armazenagem começam já durante o processo de colheita, que deve ser feita dentro dos parâmetros técnicos, entre 13% e 15% de umidade, e com o menor teor possível de impurezas e grãos danificados pelo processo mecânico de trilha das colhedoras.

NO TRANSPORTE – Durante o transporte, deve-se observar as condições de carrocerias dos caminhões e reboques. Frestas e furos devem ser vedados. Outro fator importante é a distância entre a lavoura colhida e a unidade de armazenagem: quanto menor for este trajeto a ser percorrido, menores serão as perdas no transporte.

BEM LIMPINHO – Os grãos procedentes das lavouras podem não apresentar condições adequadas de armazenamento, necessitando de uma pré-limpeza para reduzir o teor de impurezas. As impurezas dificultam a passagem dos grãos pelos transportadores, reduzem a capacidade das máquinas de classificação e impossibilitam uma secagem satisfatória e um armazenamento seguro.

A SECAGEM VALE A PENA? – A maioria dos produtos agrícolas é colhida com teores de umidade superiores ao recomendado para uma armazenagem segura. O processo de secagem tem como objetivo possibilitar a antecipação da colheita, a fim de minimizar os efeitos prejudiciais das condições climáticas adversas, os danos mecânicos e o ataque de fungos e de insetos, maximizando o peso e a qualidade dos grãos colhidos.

MAIS UMA LIMPEZA – A operação de limpeza tem por objetivo separar impurezas remanescentes da pré-limpeza e as produzidas pelo sistema de secagem. Esta operação consta de uma separação rigorosa de todos os materiais indesejáveis, como sementes ou grãos de outras espécies, sementes defeituosas e imaturas, sementes ou grãos quebrados.

OS PEQUENOS GRANDES INIMIGOS – Durante a armazenagem, os grãos estão sujeitos ao ataque de microrganismos, ácaros, insetos, pássaros, roedores e outros animais, que causam sérios prejuízos qualitativos e quantitativos. Estima-se que as perdas de grãos estejam na faixa de 20% a 30% e são consequência, sobretudo, das precárias condições de transporte e de armazenamento no Brasil. A intervenção nesta fase é fundamental.

